

Laboratório de Ensino

Introdução ao diagnóstico diferencial a partir de “O Eu e o Isso” (FREUD, 1923)¹

Angelo Márcio Valle da Costa (Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Bolsista de Mestrado da CAPES)

Texto elaborado como atividade da disciplina “Prática de Pesquisa e Ensino”, para turma de graduação na disciplina Teoria Psicanalítica H - “O Ego e o Id”, ministrada na Universidade Federal do Rio de Janeiro pela profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira em 2021.

O método psicanalítico inventado por Freud inaugura a possibilidade de tratamento para difíceis problemas clínicos, de ordem psicopatológica, na medida em que investiga a lógica dos processos psíquicos inconscientes. O que define e torna eficaz este tratamento é o exame de dois pontos: a dinâmica transferencial e o diagnóstico entre neuroses e psicoses. A precisa e ágil construção de uma hipótese diagnóstica se fundamenta na compreensão da dinâmica intrapsíquica: Isso [Id], Eu [Ego] e Super-eu [Superego] interagem enquanto instâncias do aparelho psíquico. Essa interação tem umnexo causal latente que não pode ser subestimado. Esta interpretação diagnóstica, através da observação metodológica da dimensão inconsciente dos fenômenos clínicos, visa esclarecer a resistência ao tratamento, o sentimento de culpa, a necessidade de punição, a compulsão à repetição e o apego mórbido ao sintoma, entre outras modalidades do mal-estar. Sob a luz de algumas considerações sobre o desenvolvimento do psiquismo, e a partir dos conceitos de pulsão, identificação, recalque, complexos de Édipo e de castração, bem como da função paterna, pretende-se aqui introduzir a discussão diagnóstica em psicanálise. De forma geral, isso é possível a partir do que Freud apresenta em “O Eu e o Isso” (1923/2011), evidenciando o valor clínico deste trabalho. De forma específica, e em sentido prático, será possível discutir alguns fundamentos da diferença diagnóstica entre neuroses obsessivas e melancolias, ao recuperar observações sobre o funcionamento do Super-eu e da apresentação do sentimento de culpa nesses quadros clínicos.

A obra de Freud, a partir de sua ampla experiência clínica, demonstra que os próprios sujeitos contribuem ativamente naquilo de que se queixam. Muitas vezes, em detrimento de suas inclinações pessoais, de suas responsabilidades em sociedade, e até mesmo da autopreservação. Recobrando que a instância do Eu [Ego] é responsável pela motilidade e pelas representações verbais do sujeito, como conceber que uma pessoa se permita excessos e satisfações pulsionais que arrisquem sua integridade física e psíquica? Como explicar analiticamente que, diante das compulsões, o Eu resista ao tratamento que poderia capacitá-lo a ter mais recursos para alcançar autonomia? Diante dessas questões práticas, Freud problematiza de maneira decisiva o papel do Eu enquanto aliado terapêutico. Frente ao mal-estar, que exige barreiras aos imperativos mais primitivos do Isso [Id], o enunciado “é mais forte do que Eu” muitas vezes ilustra essa debilidade (OLIVEIRA, 2021). Freud dá indicações precisas sobre a “reação terapêutica negativa” (1923/2011, p.61) na quinta parte de “O Eu e o Isso”. Constata-se que há algo na instância do Eu que contraria os princípios da vida em civilização, que não coopera para o bem-estar, que, mais do que exercer controle sobre as exigências pulsionais, é controlado por elas. Portanto, a instância do Eu pode ser compreendida em duas dimensões: Eu coerente e Eu recalcado, como aponta Freud – o “Eu

¹ Texto elaborado em novembro de 2021.

coerente e aquilo reprimido [recalcado] que dele se separou” (1923/2011, p. 21). Diante desses impasses, ele não recua em propor acréscimos ao esquema lógico do aparelho psíquico, na segunda parte de “O Eu e o Isso” (1923/2011), apresentando sua segunda tópica, ou topologia. O conflito subjetivo do sujeito, bem como as formações de compromisso entre as distintas instâncias do aparelho psíquico, tem primeiro plano na elaboração coerente do que se escuta em análise. Em si, esta frase corresponde integralmente ao já proposto pela primeira tópica freudiana (FREUD, 1900/2019). A novidade consiste na compreensão desse conflito a partir da formulação metapsicológica que enfatiza o circuito pulsional. Ou seja, com a segunda tópica, o fator econômico (quantitativo) ganha destaque sobre os fatores topológico (descritivo, tópico) e dinâmico (qualitativo), tal como a fragilidade do Eu se torna demonstrável (MARTELLO, 2001).

Até então, a formulação freudiana do conflito psíquico se dava em torno do dualismo entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, a partir de fantasias sexuais infantis não completamente recalçadas. Desse modo, uma produção sintomática poderia trazer satisfação sexual inconsciente sem compromisso com a coerência racional do Eu – o que traz embaraços e sofrimentos, mas é tratável sob análise. Nesse ponto, o que se tem é uma situação em que se presume um Eu capaz de examinar um sintoma neurótico, sob associação livre e intervenções clínicas, revelando componentes residuais insistentes, oriundos da fantasia nos pontos de vacilação do recalque. Entretanto, o que a prática mostra é uma série de fenômenos enigmáticos, tais como o sentimento de culpa inconsciente, a necessidade inconsciente de punição, a compulsão à repetição, e a resistência ao tratamento. Esta série de enigmas revela uma força cega e silenciosa em ação (COELHO DOS SANTOS, 2021). A formalização capaz de explicá-la, portanto, só poderá ser orientada por um princípio organizador do aparelho psíquico situado além da capacidade crítica egóica, e mais além do princípio do prazer e da organização sexual, como primeiramente teorizado em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920b/2016). Desdobrando essas considerações, Freud apresenta mais esclarecimentos (1923/2011) para essa série enigmática, propondo o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte, teoricamente amparado pelo esquema vesicular da segunda tópica. Nesse sentido, é possível compreender o Eu também em sua dimensão inconsciente, imersa no Isso – o que se acentua quando falha a atuação do operador simbólico capaz de promover maior separação entre essas instâncias. Nessa perspectiva, o Eu deixa de ser somente considerado como agente capaz de intervir diante da força pulsional, sendo reconhecido a serviço delas, colocando o sujeito em posição de “objeto das pulsões” (OLIVEIRA, 2021).

A apropriação dessas problematizações traz uma ferramenta preciosa para a prática clínica, na medida em que se pode observar, como índice da falência de um operador simbólico decisivo, a hostilidade no laço transferencial. Estes são os casos de transferência negativa, onde se verifica inviabilizada a função clínica do analista (FREUD, 1920a/2016). Tal operador pode ser sintetizado como a função paterna, apresentada na terceira parte de “O Eu e o Isso” (FREUD, 1923/2011), através dos complexos de castração e de Édipo. Como consequência desta falência, a repetição automática do que gera mal-estar insiste em se manter, para além da interpretação analítica. Deste modo, a repetição em jogo no aparelho psíquico, não produzindo diferença, vacila em se acrescer dos amparos simbólicos possíveis. Tem-se uma cena clínica em que a compulsão se apresenta de modo escancarado, alienando o sujeito e tornando o analista impotente. Muitas vezes, isso aponta

para circunstâncias em que o tratamento é interrompido mediante questionamentos massivos da autoridade clínica, ou em que autorrecriações e necessidades de autopunição devastam o sujeito, mesmo com ausência de repressões externas (OLIVEIRA, 2021).

Ora, durante a análise observamos que o doente experimenta dificuldades quando lhe colocamos certas tarefas; suas associações falham quando devem aproximar-se do reprimido [recalcado]. Aí lhe dizemos que ele se acha sob o domínio de uma resistência, mas ele nada sabe disso, e mesmo que intua, por suas sensações de desprazer, que uma resistência atua nele então, não sabe dar-lhe nome ou descrevê-la. Mas como certamente essa resistência vem do seu Eu e a ele pertence, achamo-nos diante de uma situação imprevista. Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido [recalcado], isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente (FREUD, 1923/2011, parte I, p. 20-21).

Desdobra-se que o inconsciente não coincide com o recalcado, por suas profundas raízes inconscientes em todas as instâncias do aparelho psíquico – inclusive no Eu. O inconsciente é mais do que o recalcado, porque há uma dimensão do Isso incapaz de ser elaborada pelos complexos de Édipo e de castração. Ao nível do Super-eu [Superego], enquanto instância capaz de orientar e comentar criticamente os comportamentos do Eu, a partir de bases inconscientes, tem-se que ele não é apenas produto da ação de agentes exteriores ao sujeito (FREUD, 1923/2011). Mesmo em membros de famílias liberais e tolerantes, observam-se manifestações de autoexigências muito cruéis, bem como imperativos e cobranças autoimpostas intensas (FREUD, 1933/2014). Principalmente nas situações em que o sujeito não contou com a ação de um outro que exerça a função simbólica, de demarcar o proibido e o permitido, instalam-se tais imperativos assediadores. Ao contrário do que se poderia supor como liberdade moral consequente da autoridade ausente. Conclui-se que a moralidade não coincide com a influência externa e que os processamentos pulsionais facultados pela função paterna, através dos complexos de castração e de Édipo, são decisivos para a diferenciação entre Eu e Isso (COELHO DOS SANTOS, 2021). É desse processamento do aparelho psíquico que resultam os recursos simbólicos, capazes de organizar as exigências pulsionais em torno de uma unidade psíquica humanizada. Dessa maneira, de acordo com o desenvolvimento da sexualidade, passa-se a contar com a simbolização como anteparo ao mal-estar.

Foi uma surpresa descobrir que um acréscimo deste sentimento de culpa ics [inconsciente] pode converter um homem em criminoso. Mas não há dúvida de que é assim. Em muitos criminosos, principalmente juvenis, pode-se demonstrar que havia um poderoso sentimento de culpa antes do crime, e que, portanto, é o motivo deste, não sua consequência; como se fosse um alívio poder ligar este sentimento de culpa inconsciente a algo real e imediato (FREUD, 1923/2011, parte V, p. 65).

Portanto, é possível decantar que os mais enigmáticos fenômenos psíquicos podem ser elucidados por um exame analítico da função paterna em jogo no Complexo de Édipo. Esta é a principal chave para alcançar a lógica latente aos fenômenos clínicos de superfície. Assim, compreende-se como as instâncias intrapsíquicas operam entre si, em relação ao mundo externo, e o efeito das diferentes dinâmicas pulsionais que estabelecem. Dando consequências a tais afirmações, é possível abordar o fundamento das distinções diagnósticas entre neuroses obsessivas e melancolias, considerando, em cada quadro, a especificidade do Super-eu e da manifestação do sentimento de culpa. Nas neuroses, encontra-se um Super-eu herdeiro do Complexo de Édipo, que pôde ser processado em grande parte de seus funcionamentos mais primitivos. Entretanto, esta instância continua enraizada no Isso, que guarda os registros dos primeiros investimentos pulsionais do sujeito. Freud aponta que a relação entre Eu e Super-eu recobra a própria relação da criança com seus pais, em dois momentos: no primeiro, mais primitivo, a criança toma o dito parental como imperativo em função do medo da punição e da perda do amor; no segundo, com o aparelho psíquico já processado pela assimilação edípica da castração, a criança é capaz de questionar as ordens e ditos familiares em função de suas satisfações, de considerações da realidade e de apropriações particulares dessa transmissão moral. Nas melancolias, há um alcance precário deste segundo momento, como consequência da não assimilação da função paterna. Em síntese, a relação entre Eu e Super-eu, é da ordem da obediência e da sujeição na melancolia; enquanto a neurose obsessiva preserva uma interação mais amistosa e colaborativa entre as instâncias. O fator “moral”, portanto, é índice do funcionamento superegóico (FREUD, 1923/2011).

Outro conceito-chave que Freud propõe é a identificação. Com ele pode-se formalizar a apreensão psíquica de ferramentas que o sujeito encontra na relação com os outros que lhe interessam, com seus objetos de investimento – em especial, com os responsáveis pelos cuidados parentais. A identificação é uma resposta regressiva à frustração inescapável de um investimento libidinal em dado objeto. Contudo, a introversão da libido não a remove integralmente dos objetos. A libido deixa sempre uma marca por onde passa. Em síntese, as identificações são assimilações da libido residual nos objetos ora investidos. Considerando que a sobreposição contínua de identificações é o que resulta na estrutura narcísica do Eu, podemos examinar sua interação com outras instâncias (FREUD, 1923/2011). A relação mais primitiva entre Eu e Super-eu resulta em identificações mais vorazes que, se não processadas pela função paterna, tornam o Eu uma instância inábil em lidar com o Super-eu em sua dimensão mais pulsional (COELHO DOS SANTOS, 2021). Na melancolia, o caráter erótico e primitivo das identificações do Eu deixa-o vulnerável ao Super-eu no que este tem de mais pulsional – isto é, o Eu é sobrepujado pelos excessos pulsionais do Isso. Servindo-se da função paterna e das identificações dessexualizadas, a estrutura egóica, nas neuroses, conta com mais recursos na reorientação da moralidade superegóica e na consequente possibilidade de interdição ao Isso. Nessa dinâmica, demonstra-se a suposição lógica de que a função paterna seja o operador responsável por: ou um Eu mais mergulhado no Isso, ou mais autônomo enquanto instância capaz de reivindicações (FREUD, 1923/2011).

Articulando essas compreensões, pode-se alcançar que o apego ao sintoma, a resistência ao tratamento, a autorrecriminação, e fenômenos similares, são expressões de uma satisfação pulsional explicável pela necessidade inconsciente de punição. A procura obstinada pelo castigo e pelo sofrimento se dá, mediante a precariedade de recursos psíquicos, como forma de escoar o sentimento de culpa de bases inconscientes. A materialidade da dinâmica intrapsíquica aparece

nessa relação ruidosa com a consciência moral, que desorienta o Eu em relação à realidade, dando prevalência aos imperativos das pulsões mais arcaicas – as pulsões de morte. Nos quadros de neurose obsessiva, verifica-se que, como na melancolia, há enfática autorrecriação. No entanto, a distinção neurótica é justamente uma valorização da estrutura narcísica, resultado da assimilação da função paterna. “Daí o Eu do paciente indignar-se com a imputação de culpa e solicitar do médico que o fortaleça na rejeição desses sentimentos de culpa” (FREUD, 1923/2011, p. 64). O pedido que o obsessivo endereça ao analista é de fortalecimento do Eu. Por reconhecer inconscientemente a necessidade de se interpor ao Isso, o obsessivo procura o tratamento, ainda que com dificuldades. Já em casos de melancolia, a instância do Eu encontra-se de tal maneira acossada pela pulsão de morte que alimenta o Super-eu, que este paciente dificilmente terá adesão pela análise por conta própria, já que sente-se merecedor do sofrimento – em geral, necessitando ser levado por terceiros a procurar ajuda. “Mas aqui o Eu não ousa reclamar, ele se reconhece culpado e submete-se ao castigo” (FREUD, 1923/2011, p. 64).

Seguindo as considerações freudianas, pode-se compreender o Super-eu como a instância moral que regula o Eu ao acessar facilmente o conteúdo inconsciente localizado nele ou no Isso. Tanto na neurose obsessiva quanto na melancolia, o Super-eu castiga o Eu em função de impulsos inconscientes reprováveis. Contudo, o obsessivo os têm fora do Eu, enquanto o melancólico, em função do caráter primário de suas identificações, os têm no próprio Eu. Neste segundo caso, o Super-eu age como que combatendo o Eu, de forma irada, e não em colaboração com ele. É válido considerar como a neurose histérica é mais poupada da crítica superegógica na medida em que o recalque dos impulsos reprováveis é melhor sucedido. Observa-se que o Eu efetua sua defesa “a serviço e em nome” do Super-eu. A especificidade do recalque obsessivo, em suas formações reativas, é a manutenção da ideia reprovável na consciência, ainda que à distância, de modo que o sentimento de culpa e a necessidade de punição aparecem com mais evidência. Freud parte dessas elaborações para indicar como é profunda a associação entre a culpa e os processos psíquicos inconscientes, de modo a supor, com precisão, que a origem da consciência moral deve-se ao Complexo de Édipo – principal forma de humanização e desenvolvimento do circuito pulsional (FREUD, 1923/2011).

Freud ainda examina a tendência ao suicídio na neurose obsessiva e na melancolia. A premência do Eu torna o sujeito obsessivo imune à radicalidade da autodestruição, uma vez que sua vontade inconsciente será tornar a estrutura narcísica mais resistente às punições impostas pela moral. Em outras palavras, o obsessivo canaliza sua pulsão de morte para destruir objetos incompatíveis que se localizam fora dos domínios de seu Eu, ainda que o Super-eu o responsabilize por tais objetos. De um lado, verifica-se automartírio e, de outro, tortura sistemática de um representante alternativo do objeto. Enquanto na melancolia há real perigo de suicídio, já que as reivindicações pulsionais encontram um Eu vacilante em sua função de mediação. Logo, as satisfações agressivas inconscientes desconsideram os dados de realidade, ou mesmo formas alternativas de escoamento das pulsões de morte, e dirigem-se ao próprio Eu. Se o Super-eu, como mencionado, representa algo da relação com os pais, pode-se dizer que a percepção egóica de ser perseguido e odiado por esta instância leva ao abandono radical de si. Tal como a percepção de ser amada pelos pais é necessária à sobrevivência da criança, o funcionamento do Eu dedica-se a satisfazer os mandamentos morais do Super-eu em função de aceitação. Isso pode levar o sujeito ao colapso, se a relação entre as instâncias não encontra adequado tratamento (FREUD, 1923/2011).

Referências bibliográficas:

FREUD, S. (1900). Capítulo VII: Psicologia dos processos oníricos. In: FREUD, S. (Autor). **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4, p. 558-675.

FREUD, S. (1920a). Além do princípio do prazer: parte III. In: FREUD, S. (Autor). **Além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 14, p. 176-184.

FREUD, S. (1920b). Além do princípio do prazer: parte VI. In: FREUD, S. (Autor). **Além do princípio do prazer e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 14, p. 211-235.

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. In: FREUD, S. (Autor). **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 16, p. 13-74.

FREUD, S. (1933). Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica. In: FREUD, S. (Autor). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 18, p. 192-223.

MARTELLO, A. "O ego e o Id". In: **Laboratório de Ensino e Pesquisa do ISEPOL**. [s.d.] Disponível em: < <http://isepol.com/laboratoriodeensino.html> > Acesso em: out. 2021.

OLIVEIRA, F. L. G. **Teoria Psicanalítica H**: Disciplina de graduação em Psicologia ministrada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Notas de aula. Rio de Janeiro: UFRJ, jul./out. 2021. Não publicado.

COELHO DOS SANTOS, T. **Seminários do ISEPOL**: Aulas concedidas ao Núcleo Sephora de Pesquisa. Notas de aula. Rio de Janeiro, mai./ago. 2021. Não publicado.